

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM
ADMINISTRAÇÃO: DESIGUALDADES EVIDENCIADAS EM CUIABÁ-MT.**

**Área temática 3: EPCDA Ensino, pesquisa e capacitação docente em
Administração**

RESUMO: Com o estudo analisado no presente trabalho objetiva-se compreender os desafios enfrentados pelos discentes dos cursos de graduação em administração no Ensino Remoto Emergencial, adotado em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus. Através de pesquisas bibliográficas que trazem conceitos que dialogam com o momento presente busca-se contextualizar o inédito momento vivido pelos discentes no município de Cuiabá, Mato Grosso. A pesquisa de caráter qualitativo buscou entender, através do envio de questionário semiestruturado para estudantes, a realidade dos 83 entrevistados.

Palavras-chave: prática docente, pandemia, TDICs.

ABSTRACT: The present work aims to understand the challenges faced by students of undergraduate courses in administration in Emergency Remote Education, adopted due to the pandemic by the new coronavirus. Through bibliographic research that brings concepts that dialogue with the present moment, we seek to contextualize the unprecedented moment lived by students in the city of Cuiabá, Mato Grosso. The qualitative research sought to understand, by sending a semi-structured questionnaire to students, the reality of the 83 interviewees

Keywords: teaching practice, pandemic, TDICs.

INTRODUÇÃO

A batalha enfrentada globalmente em virtude do novo coronavírus trouxe significativas mudanças mundiais, e o presente momento impele uma resposta imediata (Keck, 2019). O normal transfigurou-se e o mundo voltou-se para a chamada SARS-CoV-2, que provoca a Covid-19 (*Coronavirus disease 2019*) que continua a dizimar vidas ao redor do mundo – no Brasil, durante o desenvolvimento deste trabalho o número já ultrapassava a casa dos 130 mil. A transmissão do vírus, inicialmente ocorrida na província de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, rapidamente atingiu todos os continentes do globo e em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a crise sanitária global como uma *pandemia* (Do Bú et al., 2020, Velavan & Maeyer, 2020; World Human Organization, 2020).

A pandemia pelo coronavírus parece ter acelerado substancialmente as transformações digitais que já vinham acontecendo ao redor do mundo, e, neste trabalho destaca-se os impactos sentidos na área educacional, especificamente no que diz respeito aos cursos de graduação em administração no município de Cuiabá, capital do Mato Grosso.

Os desafios enfrentados na educação no momento presente se devem, sobretudo, a substituição das aulas presenciais pelo chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma modalidade de ensino que é adotada pelos países quando estes se encontram vivendo crises sanitárias como surtos ou mesmo uma pandemia, como é o caso do Covid-19. Charles Hodges, Stephanie Moore, Barb Lockee, Torrey Trust e Aaron Bond (Holges *et al.*, 2020) afirmam que o ERE não deve ser confundido com Educação à Distância (EaD), uma vez que uma das poucas semelhanças entre as duas modalidades de ensino consiste no fato de que ambas são intermediadas por tecnologias digitais. Para eles, ERE é um sistema criado como uma forma temporária e alternativa de entrega de instruções, em circunstâncias de crise, que envolve soluções de ensino totalmente remotas em substituição àquelas que seriam ministradas presencialmente. Dessa forma, o objetivo do ERE é fornecer acesso temporário a estratégias de ensino-aprendizagem de uma forma rápida, simples e confiável durante uma emergência ou crise (Tomazinho, 2020).

Em contrapartida, a educação à distância pressupõe a presença de um tutor fazendo uso de atividades síncronas e assíncronas, enquanto no Ensino Remoto Emergencial, temos o papel do professor exercido em tempo real, através de diferentes recursos midiáticos.

Com o novo modelo de educação, especialmente caracterizado pela imediata inserção de tecnologias e recursos para o ERE nos cursos de graduação em administração, o presente trabalho busca evidenciar quais foram as práticas adotadas pelas instituições dos 83 discentes aqui entrevistados. A pandemia acentuou as desigualdades sociais vividas no campo educacional e ultrapassa aquilo que o mundo tem chamado de *crise sanitária*, uma vez que seus impactos podem ser observados em todos os âmbitos, sejam eles educacionais, econômicos ou sociais. Segundo Boaventura de Sousa Santos, este cenário pode ser caracterizado como uma crise grave:

As crises graves e agudas, cuja letalidade é muito significativa e muito rápida, mobilizam os media e os poderes políticos, e levam a que sejam tomadas medidas que, no melhor dos casos, resolvem as consequências da crise, mas não afetam as suas causas. Pelo contrário, as crises graves, mas de progressão lenta, tendem a passar despercebidas mesmo quando a sua letalidade é exponencialmente maior. A pandemia do coronavírus é o exemplo mais recente do primeiro tipo de crise. (2020 p. 22).

No caso específico de Cuiabá, capital do Mato Grosso e local de estudo deste trabalho, percebemos o que já fora evidenciado anteriormente por Presnky (2001), para quem os estudantes de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Ademais, para atender aos *alunos digitais* precisamos repensar sobre a formação dos *professores analógicos*:

As escolas formadoras de professores necessitam formar indivíduos pensantes, com capacidade de pensar epistêmico, isto é, pessoas que desenvolvam capacidades básicas de pensamento, elementos conceituais, que lhes facultem, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, se colocar ante a realidade, apropriar-se do momento histórico para pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (LIBÂNEO, 2006, p. 88).

A pesquisa, de natureza qualitativa, busca evidenciar o momento vivido por 83 estudantes dos cursos de graduação em administração através da exposição das experiências de inserção repentina no mundo digital:

A pesquisa qualitativa, por sua vez, leva em conta a junção entre o sujeito e o objeto e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos. [...] Estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa participante constituem modalidades da pesquisa qualitativa. (Ludwing, 2014, p. 205).

Através das análises dos relatos dos discentes, a pesquisa descritiva, por sua vez:

[...] expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso em explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação.

Em virtude do distanciamento social proposto pela pandemia, a pesquisa entre os estudantes aconteceu através de questionários semiestruturados via Google Forms.

2. A pandemia e o ensino: desigualdades evidenciadas.

Segundo dados da UNESCO (2020) cerca de 192 países em todo o mundo fecharam suas escolas, significando que 91,4% do número total de estudantes matriculados nesses países está temporariamente fora da escola. Não estamos falando apenas de um cenário de fechamento de instituições de ensino, mas sobretudo evidenciamos o despreparo dos governantes, instituições, gestores e professores. Segundo Renata Cafado (2020), oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online. Evidencia-se que não estamos tratando apenas de um ensino à distância, mas de cursos que não foram originalmente desenvolvidos para serem ofertados através do ERE. Um dos alunos entrevistados evidencia sua opinião pessoal de que não há aspecto positivo nessa circunstância, dizendo: “não tem aspectos positivos quando você não consegue aprender direito e paga normal o valor como se fosse presencial, sendo que não é”.

Um relatório publicado em 2016 pelo Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), apresentou uma série de dados sobre o acesso da população mundial à *internet*. O resultado demonstrou que apenas

3,2 bilhões utilizam a internet, frente aos 7,4 bilhões de habitantes naquele ano. Desses que possuem acesso à internet, apenas 1,1 bilhões de usuários tinham acesso de *alta velocidade*. Tal relatório apresentou também que 98 milhões de pessoas não tinham acesso à internet no Brasil em 2016. Sabemos que 4 anos se passaram desde o relatório mencionado, entretanto, a educação no contexto de políticas educacionais ressalta a falta de democratização do acesso à internet e aos meios de comunicação de forma geral, logo, nosso cenário atual não difere muito do que pode ser visto na figura 01:

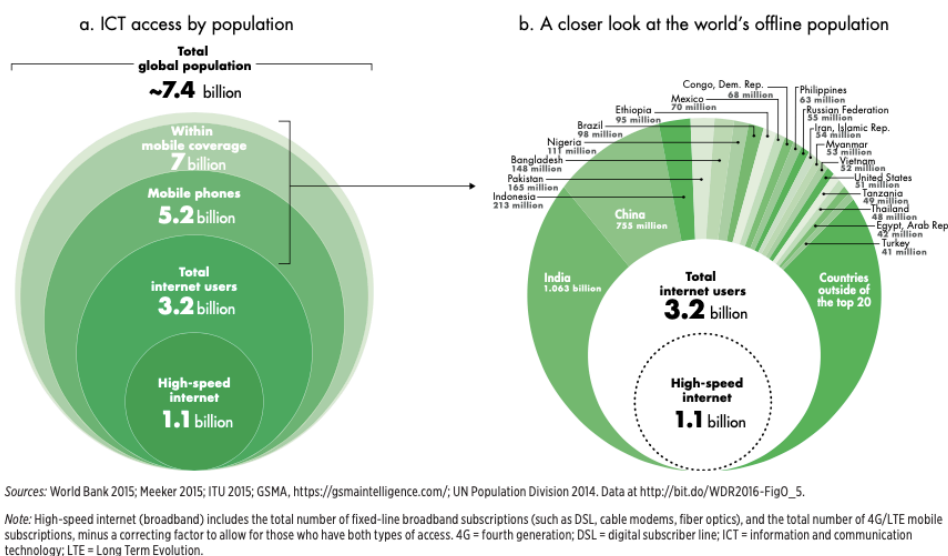


Figura 01: O acesso à internet no mundo (Fonte: BIRD).

Do total de estudantes entrevistados, 27 deles argumentaram não possuir internet de qualidade e alguns evidenciaram o fato de só possuírem internet através dos *dados móveis* do aparelho celular – o que dificulta o acesso e a permanência nas aulas.

Em uma análise sobre a opinião dos estudantes sobre as aulas remotas, alguns pontos foram destacados, conforme tabela 1:

Pontos positivos	Pontos negativos
Conteúdo fica gravado (isso ajuda muito); nos auxilia em ter disciplina e organização com os estudos; reduz o	Não ter internet Wi-Fi, estudar pelo celular, no momento não tenho condições de ter um computador.

cansaço do deslocamento entre casa/trabalho/faculdade.	
Um novo modelo de aprendizagem, ferramentas tecnológicas de interação.	Não possuir internet de qualidade (na minha região não tem oferta do serviço). Não possuir estrutura necessária (computador, espaço adequado, etc).
Posso estudar no conforto da minha casa sem preocupar em perder o ônibus e chegar tarde.	Ter o mesmo ânimo, como se fosse presencial.
Estar no conforto de casa e não precisar sair tarde da faculdade pra chegar em casa.	A qualidade da internet, tanto dos professores quanto a minha.
Economia de tempo e transporte.	Falta de internet e computador de qualidade.
Não pegar ou transmitir corona vírus.	Internet, concentração, as vezes as aulas são corridas e acabo não entendendo a matéria.

Tabela 01: Opinião dos estudantes sobre o ensino remoto

A triste realidade de falta de acesso à internet de qualidade influencia diretamente no ensino-aprendizado desses alunos, uma vez que torna inviável o acesso aos conteúdos ministrado durante as aulas:

Um estudo organizado pelo Iede (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional), com base em dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) de 2015, mostra que o Brasil tem a segunda pior conectividade nas escolas entre os países que participaram do levantamento. Segundo a análise, 28,3% dos estudantes do Brasil afirmaram que têm acesso a computadores com Internet nas escolas. (CRAIDE, 2018, não paginado)

Um recente relatório publicado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) intitulado “Universalizar el acceso a las tecnologías

digitales para enfrentar los efectos del COVID-19” propõe mudanças para o funcionamento da economia e da sociedade frente aos impactos da pandemia. Entre as sugestões está a proposta de que os países latino-americanos forneçam uma *cesta básica de tecnologias de informação e comunicação*: um laptop, um smartphone, um tablet e um plano de conexão para os domicílios não conectados. O relatório evidencia a importância das tecnologias digitais para o bom funcionamento da sociedade, e aqui reiteramos que, neste momento, não há acesso à educação sem acesso às tecnologias que mediam o processo ensino-aprendizado. A dificuldade de adaptação às aulas remotas por parte dos estudantes pode ser facilmente entendida através da análise do gráfico 01:

Numa escala de 0 à 10, o quão difícil está sendo se adaptar às aulas remotas?

83 responses

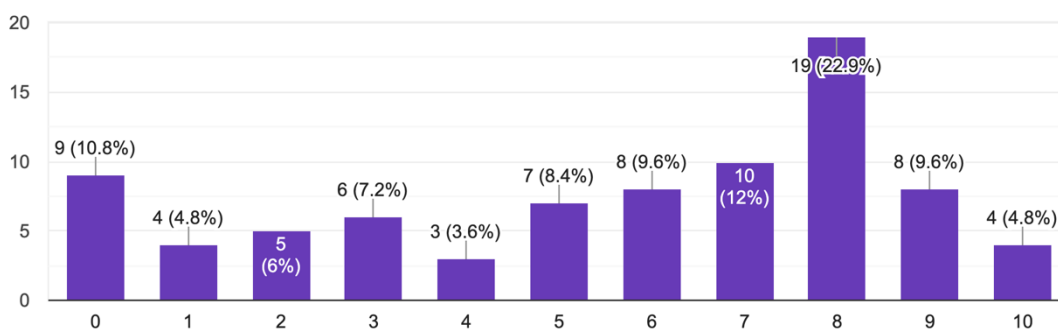


Gráfico 01: Adaptação dos estudantes às aulas remotas

Neste sentido, um dos relatos da estudante F, 37 anos, descreve de forma genérica tudo aquilo que é sentido por ela nesse novo cenário de ensino remoto e teletrabalho:

Eu trabalho o dia todo em frente ao computador e a noite assistir aula no computador, estou com muita energia estática, dando choque nas coisas. Estou muito cansada, esgotada, cabeça doendo. Eu prefiro aula presencial, pq posso estar no ambiente próprio para aula. Aqui em casa eu me disperso com facilidade e sempre me levanto no meio da aula, não tenho vontade de fazer as tarefas e estou cansada.

Quando questionados sobre sua opinião pessoal da vida acadêmica pós-pandemia, as desigualdades sociais estão no centro da opinião dos estudantes, conforme o relato de (F, 24 anos):

Se antes da pandemia já era precário, no momento tenho uma visão negativa do ensino no pós-pandemia. Há muito que se fazer, e se recuperar, na verdade. O governo deve propor boas estratégias junto com a equipe educacional, para tentar estabelecer nosso novo normal.

Corroborando com a opinião da colega acima, o estudante M, 44 anos, destaca aspectos importantes à serem considerados pós-pandemia:

Difícil. A desigualdade no ensino, em todos os níveis, ficou mais latente na pandemia. Afinal, não é todo estudante que tem em sua residência computador e conexão de Internet de boa qualidade para utilizar o ensino remoto. Sendo assim, muitos ficarão prejudicados em seu progresso escolar ou na tentativa de entrar no ensino superior. Também, ocorrerá nas instituições de ensino dificuldades para organizar o calendário escolar, exigindo dos nossos gloriosos professores mais horas de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos relatos descritos neste trabalho, percebe-se a necessidade urgente de repensarmos uma educação que atenda as demandas do momento sem escolher a quem. As desigualdades estruturais evidenciadas pela pandemia sugerem que a mudança deve ocorrer não apenas no sistema de ensino, mas também na democratização do acesso à educação, especialmente a remota.

O que já é sabido por todos é que as mudanças nas práticas pedagógicas não se limitarão ao momento vivido pelo mundo frente ao coronavírus. Tudo aquilo que a pandemia já evidenciou na área educacional nos sugere uma resposta imediata, com transformações nas políticas públicas de educação que levem em conta recursos pedagógicos que atendam à nova demanda de inserção tecnológica, especialmente com a adaptação dos materiais de ensino para a modalidade remota e, sobretudo, uma atenção especial à formação de professores para que sejam capazes e sintam-se seguros em lecionar nos mais

diferentes ambientes de aprendizagem. A realidade é que essa é uma discussão que não terá um fim imediato, entretanto, trazer à tona os dados obtidos durante a pandemia reforça a ideia de que precisamos unir esforços, vozes e pesquisas para que os problemas enfrentados sejam solucionados, ou, ao menos, minimizados.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan*. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). Marzo 2020. <https://bit.ly/sopadewuhan>

BIRD. *Digital Dividends*. Relatory. World Bank Group., 2016

CAFARDO, Renata. **Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online**. 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,oito-em-cada-dez-professores-nao-se-sentem-preparados-para-ensinar-online,70003305049>. Acesso em: 16 mai. 2020.

CRAIDE, Sabrina. **Estudo mostra que Brasil tem pouca conectividade nas escolas**. 2018. Agência Brasil - Brasília. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-01/estudo-mostra-que-brasil-tem-pouca-conectividade-nas-escolas>. Acesso em: 18 maio 2020.

HELMAN, C. G. *Cultura, saúde e doença*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. (tradução Ane Rose Bolner)

IFTF, INSTITUTE FOR THE FUTURE. *Emerging Technologies' Impact on Society and Work in 2030*. Palo Alto, CA. IFTF, 2017.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KECK, Frédéric; KELLY, Ann H.; LYNTERRIS, Christos. *Introduction: the anthropology of epidemics*. In: **The anthropology of epidemics**. London: Routledge, 2019, p. 1-23.

KHAN, A. S.; FLEISCHAUER, A.; CASANI, J.; GROSECLOSE, S. L. *The Next Public Health Revolution: Public Health Information Fusion and Social Networks*. *American Journal of Public Health*, 100. 2010: 1237–1242.

LIBÂNEO, J. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

LUDWIG, A. C. W. *Métodos de pesquisa em educação*. Revista **Temas em educação**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 204-233, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/view/18881/12572>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Edições Almedina, Coimbra. Abril, 2020.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIEIRA, R. S. *O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação: um estudo sobre a percepção do professor/aluno*. Formoso - BA: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), 2011. v. 10, p..66-72.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Coronavirus disease (COVID-19) outbreak* [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.